

editorial

O Fórum Social Mundial, de 25 a 30 de janeiro, em Porto Alegre, colocou em novo patamar as mobilizações sociais antiglobalização neoliberal, criando um espaço público mundial, com legitimidade para pensar alternativas coletivas para a sociedade nesse novo século que se inicia.

O movimento de mulheres contribuiu para a construção e articulação de novas formas de luta e da consciência global por transformações sociais ao participar desse processo de elaboração de uma política articulatória dos movimentos sociais no plano internacional.

O ano começa com um calendário de lutas, para os quais diferentes sujeitos sociais canalizarão as energias obtidas no Fórum Social Mundial.

As mulheres também deixarão a sua marca. Nesse 8 de Março, estaremos atualizando e reafirmando as lutas feministas, conectando-as às lutas globais anticapitalistas.

Um outro mundo é possível, construído com igualdade entre mulheres e homens!

As Semprevivas.



Maria Luiza da Costa

Feministas reafirmam o direito das mulheres ao aborto no Fórum Social Mundial

A Marcha Mundial das Mulheres e o Fórum Social Mundial

por Miriam Nobre

Mulheres de diversos países que participaram da Marcha Mundial de Mulheres 2000 estavam presentes no FSM, sustentando a plataforma de reivindicações que visa combater as causas da pobreza e da violência sexista.

O Fórum Social Mundial foi um momento marcante na contestação à ordem neoliberal. Afirmou uma contraoposição a Davos, onde se reuniam os estrategistas do pensamento neoliberal, e isso se expressou na teleconferência entre representantes de Porto Alegre e de Davos. O Fórum mostrou a imensa adesão à necessidade e a viabilidade de uma outra forma de organizar a sociedade: participaram mais de 16 mil pessoas e estavam inscritas mais de 400 oficinas. Além disso, propiciou que movimentos e organizações construíssem análises e estratégias comuns. Neste sentido, destaca-se o documento dos movimentos sociais, proposto por Via

Campesina, CUT, ATTAC, Jubileu Sul, Marcha Mundial das Mulheres e que recebe a adesão de inúmeras organizações.

As mulheres compunham quase a metade das plenárias do FSM. Grupos ou articulações de mulheres organizaram várias oficinas. Estávamos todas juntas no ato pela legalização do aborto e contra a ofensiva conservadora do presidente dos Estados Unidos, George Bush, em um ponto alto na visibilidade da presença feminista no Fórum.

Atividades da Marcha Mundial das Mulheres em Porto Alegre
Para a Marcha Mundial das Mu-

continuação da capa

lheres, eliminar a pobreza significa redistribuir a renda, acabar com o imposto colonial que é a dívida externa, controlar o fluxo de capitais e subordinar o funcionamento do mercado à qualidade de vida de todas as pessoas. Esta pauta é a mesma que mobilizou milhares de participantes no Fórum. Além disso, as mulheres da Marcha entendem que o capitalismo neoliberal reforça as relações de dominação entre os sexos. Em nossa análise da sociedade e na construção de alternativas temos que integrar a produção e a reprodução, o econômico e o social, os espaços público e privado.

Estas questões e a presença do movimento de mulheres na luta contra a globalização neoliberal foram debatidas no Fórum. Em especial, nas oficinas propostas pela coordenação da Marcha Mundial das Mulheres e pela Rede Latino-americana Mulheres Transformando a Economia. Mais de trezentas pessoas de 35 países participaram destas oficinas. A partir delas redigimos um texto, que foi nosso ponto de partida na discussão do documento conjunto com os demais movimentos sociais. (Veja estes documentos na íntegra no sítio eletrônico da SOF)

Avaliação da Marcha Mundial de Mulheres e propostas de continuidade

A Marcha Mundial de Mulheres foi uma articulação de longo prazo e que se estende para o futuro. Envolve grupos de mulheres de base e de diferentes movimentos sociais mistos. Ela permitiu a construção de consensos em torno de uma plataforma e ganhou vida em uma série de ações. Ações de construção de movimento, e de formação – tanto no debate feminista quanto em temas econômicos, produção de materiais e comunicação. Ações de mobilização pública e pressão sobre os governos em diferentes níveis.

A Marcha dinamizou o movimento



Oficina da Rede Mulheres Transformando a Economia coordenada pela SOF, no Fórum

de mulheres, facilitou sua intervenção na conjuntura, em processos eleitorais, na campanha contra a dívida externa, ou em casos de violência contra mulheres. Fortaleceu as mulheres como protagonistas nas lutas contra o neoliberalismo e ampliou a influência do discurso feminista no interior de movimentos mistos e na sociedade. Isso é resultado da maior visibilidade das ações do movimento de mulheres e do fortalecimento das mulheres como lideranças. A Marcha não fabricou nenhuma “prima dona”. Mulheres de variados setores e de grupos de base emergiram como lideranças, coordenando processos de grande vulto. Por fim, mostrou a capacidade de mobilização do movimento de mulheres, realizando ações em uma agenda construída por nós mesmas.

No Fórum, mais uma vez se reafirmou a vontade das mulheres de continuar articuladas em torno de ações concretas que afirmem a plataforma feminista no contexto de luta contra o neoliberalismo. Além das tarefas de organização nacional, se possível ampliando para articulações regionais, temos uma agenda de mobilizações internacionais para 2001. Em abril, os presidentes dos países das Américas estarão no Canadá, em reunião da Área de Livre Comércio das Américas. Em julho, os presidentes dos oito países mais poderosos do mundo, o G-8, reúnem-se em Gênova, na Itália. Nestes dois momentos, estaremos participando dos

protestos organizados pelo conjunto dos movimentos e debatendo entre nós uma política alternativa feminista.

A luta continua

Em 18 de outubro de 2000, na reunião da coordenação internacional da Marcha Mundial de Mulheres, decidimos que o Fórum Social Mundial seria o primeiro momento de uma agenda que nos manterá articuladas. Esta decisão foi acertada: participamos da organização do Fórum e de momentos de grande importância e simbolismo políticos, como a teleconferência, a passeata de abertura e o ato de encerramento.

Tivemos nossos espaços de debate, nos quais fortalecemos os vínculos entre nós, superando a barreira dos idiomas, mulheres do sul e do norte, do ocidente e oriente. Reforçamos nossas alianças com os movimentos mistos, ampliando o reconhecimento do movimento de mulheres como sujeito na luta contra a globalização neoliberal.

Sentimos a necessidade de avançar no debate sobre as relações de gênero na atual ordem, amarrando o debate teórico à análise de situações concretas, à construção de alternativas. E, em especial, trabalhar para o crescimento da organização do movimento de mulheres, na relação com os movimentos mistos, na mobilização... Assim seguimos na construção de um rede internacional de ação feminista.

Os impactos da globalização na Índia e a luta das mulheres

por Punyavathi Sunkara*

Na Índia, temos uma luta e uma organização grande contra a OMC - Organização Mundial do Comércio, contra o Banco Mundial e o FMI. É excitante para mim, como cidadã da Índia e como ativista do movimento de mulheres, poder compartilhar com a SOF e com a Marcha Mundial de Mulheres no Fórum Social Mundial e perceber que aqui tem tanta gente organizada em relação a essas questões.

Vou falar um pouco sobre o impacto da globalização na Índia, em particular sobre as mulheres de meu país. O governo indiano começou a receber os empréstimos do FMI em 1984 e, a partir dessa data, iniciou uma política de liberalização econômica. Depois da eleição de 1991, com a mudança de governo, as políticas de ajuste estrutural passaram a ser intensificadas. Anteriormente, o governo indiano conduzia uma política um pouco mais independente.

Em relação ao setor público, houve uma política de redução de investimentos e de privatização. O governo desencorajava o desenvolvimento desse setor e começou a fazer cortes nos investimentos públicos das áreas de eletricidade, água potável, educação e saúde, além de cortar subsídios para os pequenos produtores rurais e para a área agrícola em geral.

Por tudo isso, ficou em último lugar o setor das mulheres, principalmente as mulheres trabalhadoras rurais, mas também as urbanas, pois a capacidade de negociação delas foi se deteriorando. Para manter suas condições de vida e de trabalho, as mulheres tiveram que desenvolver muitas lutas, e isso para manter somente o mínimo que elas já tinham.

Nas áreas agrícola, de saúde e educação, o número das mulheres trabalhadoras é muito grande. E, com o processo de privatização, as condições de trabalho pioraram muito. As mulheres



Punyavathi em visita a assentamento de reforma agrária, em Sumaré, SP

perderam seus empregos, mas houve impacto também sobre as condições de vida. Em muitos locais, a água ficou salobra e, para conseguirem água potável as mulheres tinham que comprá-la ou ir buscá-la a pé, a sete ou oito quilômetros de distância. As mulheres, perdendo o emprego, passaram a depender financeiramente dos maridos e da família. Isso aumentou não só a relação de dependência das mulheres, mas também a violência contra elas. Os maridos começaram a questionar: “por que eu tenho que te dar comida, por que eu tenho que te manter, por que eu tenho que te dar dinheiro?”.

Em algumas áreas, as mulheres são levadas à prostituição. Em alguns lugares, os pequenos produtores vendem as mulheres da família na cidade para a prostituição.

Temos desenvolvido várias formas de mobilização e tem crescido muito o número de mulheres que se envolvem nessas lutas, seja em função da garantia de alimentação, seja por salário igual e por emprego. As reivindicações são variadas.

O último exemplo interessante contra a política do Banco Mundial, do FMI, foi a luta contra a privatização da energia na Índia. Em maio de 2000, o

governo aumentou as tarifas de energia elétrica e houve uma mobilização muito forte dos trabalhadores rurais, junto com a Confederação Democrática de Mulheres e outras organizações. Houve uma manifestação muito importante, em 28 de agosto de 2000, em que a reação da polícia foi muito brutal contra os manifestantes. Três homens morreram, várias pessoas foram feridas, entre elas algumas mulheres.

Após esse incidente de mobilização e de repressão forte, ampliou-se muito a consciência das pessoas, houve uma compreensão mais clara do que significava a política desse governo e a política do Banco Mundial. A luta não era apenas contra o aumento da tarifa, mas também contra algo que significava o início da política de privatização do Banco Mundial.

No Fórum Social Mundial, a gente pode sentir que não está só, tem muita gente de muitos países que estão desenvolvendo a mesma luta, pode ser uma luta grande ou pode ser pequenininha, mas juntas temos efetivamente uma força muito maior.

* É membro da AIDWA - Associação Democrática de Mulheres de toda a Índia. A autora fez essa exposição em debate na sede da SOF, no dia 5 de fevereiro de 2001.

Mayana Zatz, cientista premiada

por Maria Otília Bocchini *

A geneticista brasileira Mayana Zatz foi uma das cinco cientistas que este ano receberam o Prêmio Loreal/Unesco para Mulheres Cientistas. As outras são da Austrália, Estados Unidos, Inglaterra e Nigéria. Mayana coordena o Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo.

A imprensa internacional tem dado destaque às pesquisas brasileiras na área genética e Mayana valoriza o fato de que essas pesquisas vêm sendo realizadas em instituições públicas.

A pesquisadora premiada fundou o serviço de aconselhamento genético da universidade, em que continua atendendo, e preside a Associação Brasileira de Distrofia Muscular. A visão do sofrimento causado pela distrofia muscular em uma criança fez Mayana decidir dedicar-se ao estudo dessa doença, que é provocada por mutação no gene e que se manifesta como degeneração progressiva e irreversível dos músculos. Mayana faz parte de um grupo que pesquisa a cura da doença. Nos próximos meses o grupo vai tentar um tratamento experimental que consiste em injetar, num menino doente de sete anos, sangue do



cordão umbilical de seu irmão que vai nascer e que não tem a doença.

Direito ao aborto

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (7/2/2001), Mayana Zatz defendeu uma mudança na legislação sobre o aborto, para permitir que seja feito nos casos em que se constata, no feto, doença genética para a qual ainda não há cura. Dessa maneira, muitas mulheres, disse ela, deixariam de recorrer à clandestinidade e a locais pouco confiáveis para fazer o aborto.

* M. Otília Bocchini é professora da Escola de Comunicações e Artes da USP.

o que rola

Carrefour: Basta de Violência!

No ano passado, as organizadoras da Marcha Mundial de Mulheres no Espírito Santo protestaram contra seguranças do Carrefour e policiais que espancaram três mulheres e as submeteram a abusos sexuais.

Em 2001, o Carrefour mostrou de novo sua política de segurança violenta e bárbara. No final de janeiro, duas mulheres tentaram furtar num Carrefour no Rio de Janeiro. Em vez de chamar a polícia, os seguranças entregaram uma delas para ser punida por traficantes da favela vizinha, em Jacarepaguá.

Esses traficantes, que têm como prática queimar vivas suas vítimas, machucaram bastante a mulher e ela só não morreu porque a outra escapou e pediu socorro.

Aparentemente, há um acordo entre o Carrefour e os traficantes, que não querem a polícia por perto.

Depois de viverem momentos de terror as duas mulheres necessitam ser incluídas nos serviços de proteção a testemunhas por terem denunciado traficantes perigosos.

nº 20 fevereiro de 2001 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Maria Lucia Silveira
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: Forma 3
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1000 exemplares
Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 – São Paulo – SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- 8 DE MARÇO
- TRABALHO DOMÉSTICO
- TRANSGÊNICOS